

Fotomontando: Design e Mobilidade e a Construção da Imagem

Photomounting: Design and Mobility and the image construction

Cavalcante, Ana Paula Franco; Estudante; Universidade Anhembi Morumbi
anacavalcante12@gmail.com

Silva, Angelo Bruno de Souza; Técnico; Universidade Anhembi Morumbi
angeligia@gmail.com

Melo, Ariadne Yasmin Vieira de; Estudante; Universidade Anhembi Morumbi
missropy@gmail.com

Oliveira, Fábio Rodrigues de; Estudante; Universidade Anhembi Morumbi
fabio.zoe@gmail.com

Silva, Stella Nery da; Estudante; Universidade Anhembi Morumbi
stellanery@gmail.com

Camarnado Junior, Dráusio Vicente; Doutor; Universidade Anhembi Morumbi
drausiojr@yahoo.com.br

Hosse, Igor Revoredo; Especialista; Universidade Anhembi Morumbi
igor@anhemi.br

Resumo

O objetivo deste trabalho foi demonstrar que as técnicas de fotomontagem e manipulação fotográfica utilizadas pelo fotógrafo Man Ray, são aplicadas ao design digital contemporâneo. Buscou-se evidenciar a aplicação de tais técnicas no design digital, tomando como referência, o trabalho de Mitteldorf. Tratou-se de pesquisa exploratória por intermédio de levantamento bibliográfico e iconográfico. As principais técnicas utilizadas por Man Ray foram os fotogramas e a solarização, que podem ser associadas à fotomontagem e a manipulação fotográfica. Klaus utiliza-se dessas técnicas, manipulando suas imagens por meios digitais – softwares –, enquanto Man Ray utilizava processos totalmente analógicos. Apesar disso, foi possível depreender que os efeitos e a linguagem utilizada por Klaus são bastante similares a de Man Ray.

Palavras Chave: Man Ray; manipulação de imagem; Klaus Mitteldorf.

Abstract Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design

8 a 11 de outubro de 2008 São Paulo – SP Brasil ISBN 978-85-60186-03-7

©2008 Associação de Ensino e Pesquisa de Nível Superior de Design do Brasil (AEND|Brasil)

Reprodução permitida, para uso sem fins comerciais, desde que seja citada a fonte.

Este documento foi publicado exatamente como fornecido pelo(s) autor(es), o(s) qual(is) se responsabiliza(m) pela totalidade de seu conteúdo.

The goal of this work was to demonstrate that the photomontage techniques and photographic manipulation used by the photographer Man Ray, are applied to the contemporary digital design. The aim was to show the application of such techniques in digital design, taking as reference, the work of Mitteldorf. This was an exploratory research through bibliographic and iconographic investigation. The main techniques used by Man Ray were the photograms and rayographs, which can be associated with photomontage and photographic manipulation. Klaus utilizes these techniques, manipulating your images digitally, while Man Ray used analog processes. Nevertheless, it was possible to understand that the effects and the visual language used by Klaus are very similar to Man Ray.

Keywords: Man Ray; image manipulation; Klaus Mitteldorf.

Design e Mobilidade: a construção da imagem.

O presente trabalho de investigação delineou como objetivo demonstrar se as técnicas de fotomontagem e manipulação fotográfica utilizadas pelo fotógrafo Man Ray, são aplicadas ao design digital contemporâneo. Pretendemos demonstrar essa relação tomando a obra fotográfica de Klaus Mitteldorf como referência.

Na primeira sessão apresentamos Man Ray, o contexto histórico em que estava inserido - os movimentos artísticos surrealista e dadaísta -apontamos ainda, as técnicas fotográficas desenvolvidas pelo fotógrafo em tela: os fotogramas e a solarização. Na segunda sessão apresentamos as técnicas da fotomontagem e manipulação de imagem, assim como, destacamos as facilidades que a imagem digital traz aos designers da atualidade.

Por fim, apresentamos Klaus Mitteldorf e sua obra fotográfica, para em seguida, estabelecer uma relação entre a sua fotografia e a de Man Ray.

Vale ainda salientar que essa pesquisa teórica referencial, orientou e deu suporte à construção de duas animações: uma para Web, de um minuto de duração e a outra para dispositivo móvel – celular - de trinta segundos de duração.

Contextualizando: uma breve história sobre Man Ray

O americano Man Ray, pseudônimo de Emmanuel Radnitzky, (1890-1976) foi fotógrafo, pintor, cineasta, desenhista e ilustrador, um artista múltiplo, nome mais comumente associado à prática dos fotogramas e um dos maiores expoentes do dadaísmo e surrealismo.

Idealizador de várias experiências pessoais, como seus trabalhos com fotogramas e solarização, Man Ray também prestou serviços de natureza comercial para revistas de moda, grupos de teatro, empresários entre outros.

Iniciou suas experiências fotográficas em 1915, a partir do contato com a vanguarda de Nova York. Mas só a partir de 1921, quando se mudou para Paris e se integrou ao grupo dos dadaístas, passou a se dedicar mais seriamente à fotografia.

Nessa mesma época descobriu “por acidente” a técnica do fotograma, que apesar de já ter sido utilizada anteriormente, foi difundida por Man Ray que utilizou seu próprio nome para defini-la: Rayogramas.

Ainda sobre os fotogramas, Colluci (online) diz: “Man Ray foi, com certeza, um dos fotógrafos que mais produziu fotogramas. Assim, criou uma das obras mais originais de sua época, cujas influências persistem em toda a arte contemporânea”.

Para compreender o objetivo das obras de Man Ray, se faz necessário primeiro entender os movimentos artísticos, Dadaísmo e Surrealismo, dois movimentos artísticos surgidos no momento entre a 1ª e a 2ª Guerra Mundial.

O dadaísmo foi primeiramente formado em 1916 em Zurique por jovens franceses e alemães, que não queriam ser convocados para a guerra. Esses “jovens artistas estavam impressionados com a violência da guerra entre seus países”, diz Chipp, (1996, p. 371), e como protesto, fundaram o dadaísmo, que, de acordo com Rebouças (1986, p. 73), introduziu “a incoerência no seio do discurso”, sendo que, “os dadaístas rebelam-se contra tudo” e “a palavra de ordem é chocar, irritar a complacência burguesa atingida dolorosamente com a degradação ‘dos supremos valores artísticos’”.

Chipp (1996) afirma ainda que os dadaístas, ao contrário dos surrealistas, não tinham líder, nem teoria, nem grupo organizado. Stango (2000) afirma que o relacionamento entre ambos os movimentos, é complexo, porque sob muitos aspectos, eles eram bastante semelhantes. No entanto, havia uma diferença radical entre eles, que residia na organização, formulação de teorias e princípios no surrealismo, em contrapartida do anarquismo dadaísta.

Cristofaro (2003, p.38) observa que os surrealistas também se rebelavam como os dadaístas, mas “manifestaram esta resistência pregando uma poética que revelasse os mecanismos do inconsciente e dos sonhos” e estavam mais interessados em “representar formas de associação até então desprezadas, como os ilogismos dos sonhos [...] e o jogo desinteressado do pensamento, livre de todo o controle exercido pela razão”.

Man Ray, expoente de ambos os movimentos, introduziu em seus trabalhos essas características. Segundo Foresta (1988 apud Colucci online), seu espírito Dadá se revela, entre outras coisas, na utilização de todos os materiais possíveis na realização das obras, que não têm finalidade nem valor a não ser o de documentar o próprio processo criador.

Já sua relação com o surrealismo, fica evidente quando a Galerie Surréaliste foi inaugurada em 1926 com uma exposição das fotos de Man Ray e que segundo Rebouças (1986, p. 79), “[...] mudaram radicalmente a concepção de fotografia, ao transformá-la em modo de investigação poética e não mais realista. Man Ray não se importava com o avanço técnico das câmeras, apenas interessava em captar o sonho [...]”, demonstrando assim afinidades com o movimento surrealista.

As técnicas fotográficas utilizadas por Man Ray

Man Ray utilizava várias técnicas para criar efeitos em seus trabalhos fotográficos, destacando-se entre elas a técnica dos fotogramas e a solarização.



Figura 1: Fotograma

Segundo Colucci (online), “vários pesquisadores da história fotográfica assinalam que, mesmo antes da descoberta da fixação da imagem, experiências próximas ao fotograma foram feitas”, com fotógrafos como Schulze, Étienne e Hippolyte Charles, por exemplo, sendo que é geralmente aceito que o fotograma foi inventado por William Henry Fox Talbot, quando começou a realizar, em 1834, os photogenic drawing, “desenhos fotogênicos”.

Por definição, os fotogramas são imagens, ou fotografias, realizadas sem a utilização da câmera fotográfica, por intermédio da colocação de objetos, opacos ou translúcidos, diretamente sobre o papel fotossensível, que mais tarde é exposto a uma fonte de luz. Os raios de luz não ultrapassam a barreira física dos objetos, fazendo com que se criem formas brancas onde a luz não bateu. (COLUCCI, online e www.itaucultural.org.br). Janson (2001, p. 1062) complementa: “o fotograma não tira fotografias – ele as constrói”. Uma frase interessante que relaciona os fotogramas com o processo de fotomontagem.

Podemos ver que Man Ray não foi o primeiro a utilizar e nem a inventar os fotogramas, mas foram seus fotogramas que o conceituaram como um dos expoentes dos movimentos dadaísta e surrealista.

Além dos fotogramas, outra importante técnica utilizada por Man Ray foi a solarização, que é definida como um:

[...] processo também conhecido como efeito Sabattier, em referência ao seu inventor, o francês Armand Sabattier (1834-1910) que o concebeu em 1862. A solarização consiste na inversão dos valores tonais de algumas áreas da imagem fotográfica, que pode ser obtido basicamente através da rápida exposição à luz da imagem durante seu processamento. Foi o norte-americano radicado em Paris Man Ray (1890-1976) quem melhor empregou a solarização com finalidades artísticas durante a década de 1930 [...] (www.itaucultural.org.br)



Figura 2: Fotografia solarizada

Assim como podemos relacionar os fotogramas com fotomontagem, podemos relacionar a solarização como um meio de manipulação de imagem. Será apresentada a definição desses conceitos na próxima sessão, esclarecendo essa relação.

Manipulação de imagem e fotomontagem

Os trabalhos de Man Ray, assim como os de vários outros artistas de sua época, nada mais eram do que fotomontagens, manipulação de imagens. Esses trabalhos utilizavam técnicas que permitiam a montagem de imagens (fotogramas) e a manipulação delas (solarização), que são empregadas atualmente nos trabalhos de design digital.

Por definição, podemos dizer que a manipulação de imagem é uma expressão que:

[...] designa toda e qualquer interferência técnica ou criptográfica efetuada pelo fotógrafo com finalidades expressivas. Essa expressão aplica-se, portanto, a uma vasta gama de procedimentos, que podem ser adotados de modo independente ou conjugado. Por exemplo: tanto o uso de filtros de efeito no momento de tomada da fotografia, quanto o posterior sanduíche ou fusão de duas ou mais imagens para produzir uma terceira, ou os procedimentos laboratoriais, como a solarização, o alto ou baixo contraste e as veladuras intencionais podem ser igualmente considerados como manipulação fotográfica. [...] Com o surgimento das novas tecnologias, o espectro dos procedimentos que podem ser enquadrados nesta definição aumentou - e não cessa de aumentar - de forma considerável. (www.itaucultural.org.br)

Já a fotomontagem, seria um:

Termo genericamente empregado para designar a associação de duas ou mais imagens, ou fragmentos de imagens, com o propósito de gerar uma nova imagem. São diversos os processos capazes de gerar imagens desta forma. O mais simples deles é a colagem, que consiste na elaboração de uma composição tomando por base

imagens positivas sobre papel, que podem ser apresentadas diretamente desta forma, como o fizeram os artistas dadaístas e surrealistas, ou ser reproduzida para gerar um negativo a partir do qual se produzirão ampliações. [...] Hoje em dia, com a introdução dos computadores e dos scanners, a adição de duas ou mais imagens para a produção de uma imagem final tornou-se muito mais fácil e precisa. (www.itaucultural.org.br)

Esta definição não inclui os fotogramas, já que os fotogramas são feitos com objetos, e não com fotos, mas de qualquer maneira, ambas as técnicas constroem imagens.

A quantidade de meios para a criação de fotomontagens também cresceu com o desenvolvimento das tecnologias. Além disso, a facilidade e rapidez que recursos automáticos e eletrônicos como softwares e câmeras digitais empregam a esses processos são pontos fortes no Design Digital, em contrapartida aos meios mecânicos e artesanais utilizados por Man Ray.

Cristofaro (2003, p. 45) nos diz como o trabalho de Man Ray era importante para aquela época – e que técnicas ele utilizava:

Durante os primeiros anos do Surrealismo, a revista *La Révolution Surréaliste* (1924-9) publicou várias fotomontagens de manipulação de sala-escura. Nessa prática, destaca-se o trabalho de Man Ray, que investigou a fotomontagem de diversas maneiras. O artista reinventou o processo do desenho fotogênico de Fox Talbot com a criação dos rayogramas, solarizando fotografias, em dupla impressão ou dupla exposição.

Cristofaro ainda diz que por utilizar essas técnicas, Man Ray foi o precursor de muitos métodos que são amplamente utilizados na manipulação digital de imagens, a exemplo da solarização, que virou até um filtro do software Photoshop, a duplicação, a deformação e o próprio recorte e colagem conhecido como “copy e paste”.

Imagem digital

Não podemos deixar de falar de manipulação de imagem e fotomontagem e sua relação com o design digital sem citar a própria imagem digital. O advento da fotografia digital facilitou, em muito, o trabalho de todos os artistas e profissionais que trabalham nessa área. Sobre a própria câmera digital, Rey (2005, p. 41) nos diz que:

Em um primeiro momento a máquina fotográfica digital apresenta um desempenho semelhante à fotografia de base química: a captação da cena se dá através de dispositivos óticos; os raios de luz que iluminam a cena, atravessam as lentes penetrando pelo obturador, exatamente como na máquina fotográfica analógica. Porém, ao invés de provocar uma reação química na película fílmica formando a imagem latente, o aparelho numérico converte a imagem capturada através das lentes, em informações, em dados numa carta de memória.

Sabemos que todas as informações inseridas no computador seja texto, imagem ou som, são passíveis de tratamento e alterações por intermédio de softwares, que facilitam o trabalho através de sua interface – além de eliminar o trabalho manual. No caso das imagens: “pode-se, por exemplo, alterar os seus canais de cor, recortá-la virtualmente ou fragmentá-la e colá-la parcial ou integralmente para outra imagem [...]” (REY, 2005, p. 41). Essas alterações – ou manipulações – são facilmente executadas em softwares de tratamento de imagens, muito importantes para o design digital.

Nas palavras de Fifield (apud RUSH, 2006, p. 162):

A possibilidade de reposicionar e combinar sem esforços imagens, filtros e cores, dentro do espaço sem atrito ou gravidade da memória do computador, dá aos artistas uma liberdade para criar imagens jamais imaginadas.

Liberdade aplicada não só aos artistas, mas a todas as pessoas que trabalham com imagem, inclusive os designers.

A natureza maleável e manipulável da imagem digital é descrita tanto por Cristofaro (2003), quanto por Rush (2006). Antes a imagem era estática no sentido de que a imagem, mesmo passível de modificação com filtros e no próprio negativo, era fixa. Transferida para a linguagem digital, todos os elementos (pixels) e informações podem ser alterados. Isto é importante, pois podemos ver claramente que, além da facilidade em se alterar esses elementos – não é mais necessário todo o processo analógico – há ainda a possibilidade de poder alterar qualquer coisa dentro da imagem digital.

Klaus Mitteldorf - Biografia e sua relação com Man Ray

Klaus Mitteldorf nasceu em 23 de Junho de 1953, em São Paulo, onde ainda vive e trabalha. É arquiteto por formação e começou seu trabalho como fotógrafo nos anos 70. Na década seguinte especializou-se em Fotografia e Cinema de Moda e Publicidade. Tem vários de seus trabalhos publicados em revistas de grande circulação tanto no Brasil quanto na Europa além de trabalhar na área de publicidade em conjunto com grandes agências. Em 2002, Klaus foi o primeiro colocado do 1º Prêmio Fundação Conrado Wessel de Fotografia em São Paulo, o maior e mais renomado prêmio já concedido a fotógrafos no Brasil (www.klausmitteldorf.com.br).

Fernandes Junior (online) observa que:

Klaus Mitteldorf é um dos poucos fotógrafos brasileiros que têm alguma unanimidade internacional. [...] Seu trabalho, resgata nostalgia futurista de um universo simples e organizado, mas é bastante ousado na proposta de produzir fotografia que apela para um imaginário que busca obsessivamente compreender e sacralizar a beleza da forma. [...] Enigmáticas, as fotografias de Klaus Mitteldorf são inexplicáveis; foram criadas com a intenção de abrir um campo de possibilidades para os mais diversos leitores. [...]

Sobre a fotografia de Mitteldorf, podemos observar uma possível relação com a fotografia de Man Ray na fala de Baravelli (1992, anexo p. 2):

A fotografia é hoje um produto altamente tecnológico. Não importa o que esteja sendo visto pela câmara. Da lente para trás até a cópia final, o processo tem a precisão e o mistério técnico associado à indústria avançada. Seria possível, marginalmente, existir ainda uma foto artesanal, onde o artista-fotógrafo fabricasse a câmara, o filme, a química e o suporte da cópia, mas não é absolutamente o caso aqui. Klaus Mitteldorf usa a melhor máquina, o melhor filme, a melhor luz e o melhor papel. A impressão que seu trabalho causa é de extremo apuro técnico, de algo no limite do possível com a tecnologia fotográfica atual.

Segundo Baravelli (1992), Mitteldorf usa tudo o que tem de melhor no meio fotográfico para garantir o resultado profissional de seu trabalho. Para isso ele abusa de todos os aparatos tecnológicos, equipamentos de última geração e manipulação digital por meio de softwares gráficos. Ainda diz que, o trabalho de Mitteldorf, não é simplesmente um meio de

registrar imagens documentais, captar a realidade, mas sim, uma fotografia com intenções artísticas.



Figura 3: Ophelias Death

Podemos assim igualar Mitteldorf a Man Ray. Ambos não tinham o intuito de registrar imagens documentais, mas, sim criar verdadeiros experimentos e obras de arte fotográfica.

As técnicas de Klaus Mitteldorf diferem das de Man Ray, no sentido da facilidade garantida com o avanço da tecnologia. Man Ray usava métodos manuais e artesanais em suas criações. Já Klaus usa os meios digitais para chegar ao resultado que deseja. Quanto ao registro das fotografias, ambos possuem uma preocupação em propor um conceito, fazer experimentos e compor obras de arte.

Mibelbeck (1992, p. 9) fala sobre o trabalho de Mitteldorf:

Há fotógrafos que viajam o mundo todo em busca de suas fotos, outros investem em dispendiosos estúdios e outros perseguem personalidades, ricos e beldades, na esperança de fragá-los desatentos... Klaus Mitteldorf, no entanto, não precisa de muito para estabelecer o seu universo fotográfico: três modelos, uma piscina, flores de plástico, fundos de tecido bastam para transformar as suas visões em imagens. Pois não é a realidade, tal qual se apresenta à sua volta, o que interessa à sua fotografia, é sim aquele universo originado na sua cabeça, sua fantasia, nos seus sonhos.

Fica claro na fala de Mibelbeck (1992) que as fotos de Mitteldorf não apresentam a realidade, e sim, a fantasia e os sonhos. Podemos então classificá-las como obras com influências do Surrealismo e do Dadaísmo e que foram predominantes nas criações de Man Ray.

A Relação dos trabalhos fotográficos de Klaus Mitteldorf com os trabalhos de Man Ray

Podemos perceber no trabalho de ambos os fotógrafos, que na composição da imagem é destacado o formato dos objetos ou das pessoas por meio do contraste de luz e sombra. Enquanto Man Ray trabalha de forma artesanal para explorar efeitos de luz e sombra,

utilizando-se da exposição a luz para chegar ao efeito de solarização, Klaus chega em um resultado parecido, manipulando a imagem digitalmente.

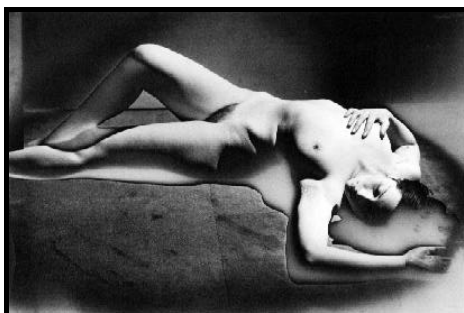


Figura 4: Fotografia solarizada 2

As fotografias utilizam-se de jogo de luz e sombra para ressaltar a silhueta das mulheres, explorando a forma do corpo de uma forma não-vulgar. Podemos perceber que principalmente nas fotos de Klaus, a face feminina não é muito explorada, dando ênfase à silhueta do corpo. Man Ray explora o mesmo efeito, utilizando-se de uma perspectiva diferenciada que enfatiza o corpo e seu formato.

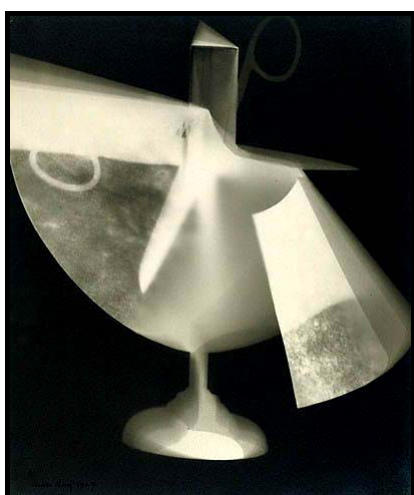


Figura 5: Fotograma 02



Figura 6: Foto Klaus

Ambas as fotos são abstratas e utilizam-se de efeitos de desfoque da imagem. Precisamos considerar que Man Ray utilizou recursos artesanais para obter o efeito desejado nas fotos. Não sabemos se o objeto era translúcido, não deixando toda a luz passar para queimar o papel fotosensível, ou se Man Ray movimentou o objeto enquanto o papel era exposto a luz. Klaus, por sua vez, utilizou recursos tecnológicos que possibilitaram o mesmo efeito.



Figura 7: Fotografia Man Ray



Figura 8: Foto Klaus 02

Além de as duas fotos explorarem o rosto, elas novamente exploram o efeito de desfoque, para aumentar a idéia de movimento. Não há registros de como Man Ray realizou este efeito (provavelmente movimentando a câmera enquanto tirava a fotografia), mas sabemos que Klaus utilizou softwares gráficos para manipular sua fotografia.

De uma forma geral, as fotos de Man Ray e Klaus exploram a sensualidade, a forma dos corpos, os sentimentos e impressões que elas podem causar, pois algumas dão uma sensação de tranqüilidade enquanto outras causam a sensação de estranheza.

O que mais se destaca dos trabalhos dos dois artistas é a relação que podemos estabelecer na manipulação de imagem de uma forma geral: na época de Man Ray, todos os efeitos eram feitos de forma artesanal, enquanto que nos dias de hoje existem inúmeros recursos e facilidades que a manipulação digital de imagens proporciona.

Conclusão

Apresentamos neste trabalho Man Ray, fotógrafo da década de 1920, ligado aos movimentos dadaísta e surrealista, que surgiram no período entre a 1ª e a 2ª Guerra Mundial. Ambos os movimentos tinham a intenção de contestar e rebelavam-se contra os valores artísticos até então vigentes. O dadaísmo era caótico e pregavam a incoerência, enquanto os surrealistas exploravam o onírico, o mundo dos sonhos. Man Ray, absorvendo características de ambos os movimentos, utilizava-se de técnicas que distorciam a realidade das fotos, os fotogramas e a solarização. Os fotogramas eram fotografias feitas no laboratório, sem câmera, a partir de objetos que eram depositados sobre o papel fotossensível e depois o papel era exposto à luz. A solarização consistia na inversão dos valores tonais de algumas áreas da imagem fotográfica, obtida basicamente através da rápida exposição à luz da imagem durante seu processamento.

Vimos que os fotogramas podem ser associados à técnica de fotomontagem, pois constrói imagens e a solarização a manipulação de imagem, pois altera os seus elementos. Sendo que a manipulação de imagem é definida como designa toda e qualquer interferência técnica efetuada pelo fotógrafo com finalidades expressivas e a fotomontagem associação de duas ou mais imagens, ou fragmentos de imagens, com o propósito de gerar uma nova imagem. Ainda há a importância da imagem digital, que traz inúmeras facilidades, pois além de existirem softwares que eliminam o trabalho manual, a imagem digital é de natureza maleável, uma vez que todos os seus elementos podem ser alterados.

Apresentamos Klaus Mitteldorf, fotógrafo contemporâneo que assim como Man Ray, não se interessa em captar apenas a realidade, gosta de captar a fantasia. Ambos se diferenciam pela forma de aplicação das técnicas e composição das fotografias, Man Ray quase que artesanalmente e Mitteldorf digitalmente. Relacionamos pares de fotos para que as semelhanças entre suas construções pudessem ser melhor constatadas, indicando o uso dos meios digitais por Mitteldorf para atingir resultados que são obtidos há décadas.

Concluímos então com este trabalho, que as técnicas utilizadas por Man Ray são aplicadas no design digital contemporâneo de forma completamente digital, usando como referência exemplos do trabalho de Klaus Mitteldorf. Isso posto, foi possível apresentar como produto final do projeto interdisciplinar, duas animações: uma para Web, de um minuto de duração e a outra para dispositivo móvel – celular - de trinta segundos de duração.

Referências

- CHIPP, Herschel B. **Teorias da Arte Moderna**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- COLUCCI, Maria Beatriz. **Impressões fotogramáticas e vanguardas: as experiências de Man Ray**. **Revista Studium**. nº 2, In: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/doi/3.htm>>. 2007.
- CRISTOFARO, Valéria de Faria. **Fotomontagem - da sala-escura ao ciberespaço**. 2003. **Dissertação. (Mestrado em Arte e Tecnologia da Imagem) Universidade de Brasília, Brasília, 2003.**
- Enciclopédia Itaú Cultural - Artes Visuais**. In: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?CFID=3012488&CF_TOKEN=18619933>. 2007.
- FERNANDES JUNIOR, Rubens. **Klaus Mitteldorf - site/portifólio**. In: <<http://www.klausmitteldorf.com.br>>. 2007.
- JANSON, H. W. **História geral da arte**. 2ª e.d. São Paulo: Martins Fontes. 2001.
- MITTELDORF, Klaus; MIBELBECK, Reinhold; BARAVELLI, Luiz Paulo. **Klaus Mitteldorf Photographs**. São Paulo: Ed. Art Fórum, 1992.
- REBOUÇAS, Marilda de Vasconcelos. **Surrealismo**. São Paulo: Ática, 1986.
- REY, Sandra. Cruzamento entre o real e o (im)possível: transversalidades entre o “isso foi” da fotografia de base química e o “isso pode ser” da imagem numérica. **PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais**. [Porto Alegre], nº 22, maio 2005, p. 38-41. Semestral.
- RUSH, Michael. **Novas Mídias na Arte Contemporânea**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- STANGO, Nikos (org.). **Conceitos de Arte Moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.